



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

INTRODUÇÃO

Quem Somos

O [Observatório da Prostituição](#) é um projeto de extensão do Laboratório de Etnografia Metropolitana-LeMetro/IFCS-UFRJ que reúne professores, pesquisadores e alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, do Núcleo de Estudos de Gênero PAGU da Universidade Estadual de Campinas-UNICAMP e da Universidade Federal Fluminense-UFF. O projeto é realizado em parceria com a ONG Davida – Prostituição, Direitos Civis, Saúde; a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids-ABIA; Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro-APERJ e a Rede Brasileira de Prostitutas.

Sobre o Projeto

Durante a Copa do Mundo, o Observatório da Prostituição realizou pesquisa etnográfica nos principais pontos de prostituição do Rio de Janeiro (Copacabana, Ipanema, Centro, Lapa e Vila Mimosa), Fortaleza e Recife¹ visando monitorar os impactos da Copa do Mundo nas áreas de prostituição das cidades-sede (presença de estrangeiros, concentração ou aumento da prostituição em determinados setores das cidades), as ações policiais e de organizações governamentais e não-governamentais que vêm atuando nessas áreas, ora para coibir a exploração sexual de crianças e adolescentes, ora para promover sua visão quanto à prostituição. A pesquisa também observou as condições de trabalho nesses lugares durante os jogos e mapeou as redes formadas para viabilizar o trabalho sexual durante esse período, além de acompanhar o noticiário nacional e internacional sobre prostituição no Brasil no contexto da Copa do Mundo.² É possível recuperar os passos da pesquisa e relatórios parciais anteriores a esse acessando: <https://www.facebook.com/observatoriodaprostituicao>

¹ Em colaboração com pesquisadores da pesquisa, “Uma arena para Pernambuco: Impactos e avaliações de promotores, vizinhos, beneficiados, atingidos”. *Coordenação: Prof. Dr. Parry Scott (UFPE/PPGA/FAGES) e Pesquisadora: Ma. Fernanda Maria Vieira Ribeiro (UFPE/FAGES/UVA)*
Número do cadastro da pesquisa no CNPQ: PQ400083/2013-2 CNPQ.

² Esse último tópico será objeto de análise em outro texto.



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

Metodologia

Essa pesquisa do Observatório tem como antecedentes investigações sobre turismo sexual e prostituição, conduzidas ao longo de quase uma década no Rio de Janeiro por acadêmicos, jornalistas, ativistas LGBT e trabalhadoras sexuais. Em 2012, dois membros do Observatório concluíram um mapeamento extensivo dos vários pontos de prostituição no Rio de Janeiro, fruto de 8 anos de investigações etnográficas e sociológicas. Esse mapeamento nos permitiu a identificar os principais pontos de prostituição frequentados por brasileiros e estrangeiros na cidade.

Neste mesmo ano, outras e outros pesquisadores que colaboram com o Observatório estiveram nesses pontos, em vários momentos do ciclo sazonal da atividade que tem muitas variações ao longo do ano. Em 2013, essa ronda periódica de **visitas** foi intensificada, concentrando-se nos 20 pontos de comércio sexual mais frequentados por turistas estrangeiros, na Vila Mimosa e nos 20 pontos mais movimentados da área central da cidade do Rio de Janeiro. Entre novembro de 2013 e maio de 2014, visitamos esses lugares pelo menos uma vez por mês, geralmente nas primeiras semanas do mês (quase sempre após o pagamento dos salários), para conseguir uma contagem média de número e tipo de trabalhadoras e clientes ativos nesses locais. Durante esse período, fizemos entrevistas com as prostitutas, gerentes, seguranças e outros trabalhadores desses pontos sobre seus planos e perspectivas para a Copa do Mundo.

Durante a Copa, as e os pesquisadores foram divididos em três subgrupos: uma equipe ficou responsável por Copacabana e as outras duas pelo Centro da cidade e pela Vila Mimosa, respectivamente. As equipes estiveram em campo sempre que aconteceu um jogo da Seleção brasileira ou uma partida no Maracanã (o estádio da Copa no Rio de Janeiro). Também fizemos observações em outros momentos que pensamos ser estratégicos, como por exemplo os jogos semifinais e das quartas de final. Pesquisadores e pesquisadoras individuais foram a campo quase todos os dias durante o Mundial. Geralmente, concentramos nossas atividades entre meio-dia e as três horas da madrugada do dia seguinte. No decorrer da Copa - ao constatar que o comércio sexual na Vila Mimosa e no Centro estava muito reduzido - concentramos atenção nos espaços noturnos de Copacabana. Mas ainda assim mantivemos equipes no centro da cidade e na Vila Mimosa até o final da Copa.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

Também circulamos em espaços de recreação noturna associados com a Copa, mas não necessariamente vinculados à prostituição, mais particularmente o bairro da Lapa e os bares de Ipanema. Finalmente, visitamos várias termas heterossexuais e saunas homossexuais durante o Mundial. Uma de nossas colaboradoras que é prostituta, trabalhou durante a Copa numa terma de luxo. Outras colaboradoras trabalharam na Vila Mimosa e em Copacabana.

No total, estimamos que, durante a Copa do Mundo, a equipe realizou mais de 2.000 horas de pesquisa etnográfica baseada em **observação-participação**, nas áreas onde o sexo é comercializado no Rio de Janeiro. Nos últimos dias do evento e nas semanas imediatamente posteriores, fizemos 116 entrevistas formais (com questionário) com trabalhadoras sexuais que estiveram ativas durante o evento, perguntando sobre suas expectativas e experiências. Com todas as mulheres entrevistadas compartilhamos informações sobre nossos objetivos como grupo de pesquisa e esclarecemos seus direitos como participantes da investigação. Em parceria com Davida, produzimos e distribuimos uma versão *pocket* do jornal "O Beijo da Rua": o "Beijinho da rua" com informações sobre direitos e saúde para prostitutas e seus clientes, em português e em inglês.

Reuniões de trabalho semanais aconteceram ao longo dos meses de maio, junho e julho, para coordenar as equipes, compartilhar dados e percepções, ajustar os parâmetros da pesquisa e definir estratégias de diálogo com agentes públicos e a mídia. A Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA), parceira da pesquisa, gentilmente cedeu sua sede institucional para funcionar como "quartel-general" da pesquisa. Este relatório apresenta os achados e *insights* preliminares que resultaram desse esforço de investigação.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ



Figura 1: Dois times de meninas (várias das quais filhas de trabalhadoras sexuais) jogam futebol nas ruas próximas da Vila Mimosa, 9/7/2014

Beijinho da rua
Trabalho sexual é legal!

Você trabalhará melhor exercendo seus direitos

1. A prostituição é legal no Brasil. Seu corpo é seu, você dá para quem quiser!
2. A prostituição é reconhecida pela Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério de Trabalho sob o número 5198-05.
3. Você pode contribuir para o INSS, se quiser, isso garante benefícios como a concessão de auxílio em caso de doença ou acidente, aposentadorias, salário maternidade e muito mais!
4. Fique no seu posto! Você tem o direito de trabalhar onde quiser. Você não pode ser obrigada a mudar do ponto de trabalho sem justificativa legal.
5. *Bienvenidos! Willkommen! Willkommen! Bienvenus! Bienvenute!* Você pode fazer programas com quem quiser - brasileiros e estrangeiros.
6. Com preservativo ou com camisinha? A escolha é sua! Verde, amarelo, azul ou vermelho, com bolinhas... Só não pode ser sem!
7. Apareceu a polícia? Lembre-se que eles não podem levar ninguém para a delegacia sem um mandado com seu nome pré-escrito. Nada disso de preencher mandado na hora, nem te levar para a delegacia para averiguação sem mandado legal. Isso sim, é crime!
8. A prostituição não é exploração sexual. A exploração sexual de crianças e adolescentes (menores de 18 anos) é crime, passível de punição. Se você identificá-la, comunique o fato por meio do disque 100. A chamada é gratuita!
9. Dúvidas? Tem organizações que defendem os direitos das prostitutas e oferecem apoio. Procurem informações nos contatos abaixo. Junte-se a nós!
10. Sem vergonha garota, você tem profissão!
É seu direito exercê-la antes, durante e depois da Copa!

Fale com a gente no Facebook
Observatório da Prostituição: [facebook.com/observatorioprostituicao](https://www.facebook.com/observatorioprostituicao)
Grupo Transversal: [facebook.com/grupotransversal](https://www.facebook.com/grupotransversal)
Despui Res: [facebook.com/despuires](https://www.facebook.com/despuires)

Para mais informações acesse
www.beijodarua.com.br

PARA QUEM COBRA

Beijinho da rua
Jogue limpo na Copa!

Você terá muito mais prazer com uma profissional do sexo se seguir as regras

1. Gentileza, respeito, uma aparência limpa e bem cuidada abrem qualquer porta. As dicas também!
2. O álcool pode te deixar mais solto, mas ele pode também colocar em risco a ereção. Portanto: menos, neste caso, pode significar mais!
3. Um homem honesto mantém sempre sua palavra. Por isso, negocie o preço e os serviços a serem prestados de forma clara e mantenha o combinado.
4. Não significa não! Lembre-se que cada atividade tem suas regras e seus limites. No sexo, pago ou não, o consentimento mútuo é a regra!
5. Com preservativo ou com camisinha? A escolha é sua! Verde, amarelo, azul ou vermelho, com bolinhas... Só não pode ser sem!
6. Se você desconforta que a mulher está sendo forçada a trabalhar na prostituição ou sofrendo algum tipo de violência... Não banque o herói! Procure se informar sobre organizações que possam oferecer ajuda.
7. Negócios são negócios e ela é uma profissional. Não lida nada a ver com amor, por melhor que tenha sido.
8. Às vezes, a pressão é muito grande. Por isso, se a coisa não funcionar, não se preocupe. Vá com calma, tente outra vez, outra hora.
9. Neste negócio não existe garantia. Caso você tenha ficado insatisfeito, fale sobre isso. Mas mantenha-se calma e jamais peça seu dinheiro de volta.
10. A prostituição é legal no Brasil. A exploração sexual de crianças e adolescentes (menores de 18 anos) é crime, passível de punição. Se você identificá-la, comunique o fato por meio do disque 100. A chamada é gratuita!

Para mais informações acesse
www.beijodarua.com.br

PARA QUEM PAGA

Figura 2: Folhetos distribuídos pela equipe de pesquisa para profissionais do sexo.

www.observatorioprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatorioprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

SUMÁRIO EXECUTIVO

A Copa do Mundo foi considerada “ruim” pela maioria das trabalhadoras do sexo que ouvimos no Rio de Janeiro. Apesar da presença de um número significativo de turistas (nacionais e estrangeiros) na cidade, houve um declínio no comércio sexual durante os 32 dias do evento. Dos 83 pontos de prostituição pesquisados, apenas 17 locais registraram aumento de atividade e em 6 outros pontos fluxo de clientes foi normal. Em contraste, nos demais 60 pontos – inclusive na Vila Mimosa (onde trabalham cerca de 1.000 mulheres) – a queda estimada no movimento de clientes variou de 30% a 50% entre 12 de junho e 13 julho.

Essa queda pode ser atribuída aos seguintes fatores:

- 1) O fechamento do comércio do centro da cidade por efeito dos sucessivos feriados decretados durante a Copa.
- 2) A dependência da Vila Mimosa e dos pontos de prostituição do Centro (onde estão as maiores concentrações de prostitutas no Rio) de clientes nativos que não circularam nessa área da cidade nesses feriados.
- 3) A não substituição de clientes nativos por clientes estrangeiros, uma vez que os turistas ficaram concentrados na Zona Sul e na Lapa.
- 4) O perfil dos turistas estrangeiros que estiveram no Rio de Janeiro: a maioria vinha de países da América do Sul e tinha poucos recursos financeiros.
- 5) Os preços muito elevados que impuseram restrições financeiras aos turistas, restringindo gastos com “custos não essenciais”.
- 6) Há indícios que muitos homens solteiros que visitaram o Rio durante a Copa estavam mais interessados em gastar seu dinheiro e tempo conversando com amigos e bebendo do que consumindo serviços sexuais.

A concentração de turistas na Zona Sul e Lapa suscitou uma migração interna na cidade: muitas prostitutas deixaram o Centro e a Zona Norte durante a Copa para frequentar a orla de Copacabana. Uma pequena faixa desse bairro acabou concentrando a grande maioria das atividades sexuais comerciais no Rio, produzindo -- para aqueles que não conhecem a geografia do mercados em outras

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

áreas da cidade -- a falsa impressão de que a prostituição havia aumentado na cidade. Se em Copacabana o número de mulheres trabalhadoras do sexo quase dobrou, na Vila Mimosa e no Centro, áreas que, em condições normais, concentram a grande maioria das garotas de programa no Rio viram o número de prostitutas cair drasticamente.

Nos meses anteriores à Copa do Mundo, a mídia nacional e internacional, atores estatais e da sociedade civil, propagaram sistematicamente discursos sobre os efeitos avassaladores que a Copa de 2014 teria em termos da exploração sexual de crianças, adolescentes e mulheres. Essa visão, em grande medida, calcada na lógica do pânico moral fez com que a ênfase da ação governamental estivesse focada na questão da “exploração sexual”, definida de maneira excessivamente ampla e ambígua.

No entanto, as evidências coletadas pela pesquisa que realizamos nas principais zonas de comércio sexual no Rio de Janeiro e em observações parciais em Fortaleza e Recife, indicam que não houve, durante a Copa, aumento substantivo da prostituição, nem tampouco da exploração sexual de crianças e adolescentes que pudesse ser atribuída ao crescimento do comércio do sexo nessas cidades, por efeito, da presença massiva de turistas sexuais. Como já mencionado, no caso específico do Rio de Janeiro, a prostituição em geral parece ter diminuído durante o Mundial.

Da mesma forma, pesquisadoras/es envolvidas/os na investigação feita no Rio constataram poucos casos potenciais de menores de 18 anos oferecendo serviços sexuais (entre 16 e 17 anos) e não registraram nenhum caso de exploração sexual de crianças. O Conselho Tutelar da Zona Sul do Rio, deve-se dizer, tampouco registrou incidentes dessa violação que estivesse associada à Copa.

Por outro lado, a operação contra exploração sexual de “vulneráveis” que levou ao fechamento do Restaurante Balcony e do Hotel Lido em Copacabana, no primeiro dia da Copa, não restringiu a circulação de crianças e adolescentes na áreas adjacentes para onde se descolou o comércio sexual. Já a operação “anti-exploração sexual” que aconteceu, na cidade de Niterói, em Maio, ou seja um pouco antes da Copa resultou em prisões ilegais e violência policial direcionada contra as trabalhadoras sexuais. Esse episódio foi, porém, ignorado ou minimizado pelos atores estatais e da sociedade civil engajados no enfretamento da exploração sexual de crianças e adolescentes.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

Como se sabe, as cidades brasileiras foram tomadas por contingentes policiais numerosos e hiper-armados seja no período anterior, seja durante a Copa do Mundo. A pesquisa constatou que, no Rio, essa presença policial ostensiva concentrou-se em Copacabana e estava voltada basicamente para proteção dos turistas e, eventualmente controle de conflitos entre torcedores. O centro da cidade ficou praticamente sem segurança pública, exceto nos dias em que havia manifestações contra a Copa, quando a área seria tomada pelo Batalhão de Choque.

Finalmente mas não menos importante, no caso específico do Rio de Janeiro, a pesquisa revela que não houve nenhum investimento das instituições governamentais da saúde pública no sentido da promoção da saúde sexual, especialmente no que diz respeito à prevenção das DST/HIV/AIDS nos contextos de prostituição observados. Essa lacuna contrasta fragorosamente com as medidas de política pública implementadas no passado por ocasião de grandes eventos.



Figura 3: Oito das dezenas de casas de prostituição do Centro do Rio que fecharam em dias de jogo por falta de clientes.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

RESULTADOS PRELIMINARES

1. Declínio das atividades de prostituição no Rio de Janeiro

“Graças a Deus que acabou e agora o movimento vai melhorar.”

- Caroline, 28, massagista, numa sala de massagens de edifício na Av. Rio Branco.

“A Copa foi uma meeeeeeeeeeeeeerda!”

- Deusa, 23, boate na Rua Buenos Aires, Centro.

“Geralmente levo uns 700 reais para casa, toda semana. Nas duas últimas semanas [de junho], ganhei um total de somente 500 reais, e olha lá! Nem consegui pagar a matrícula de meu filho.”

- Simone, 32, casa na Zona Portuária.

“A Copa não fez nada para a Vila.”

- Ariel, trabalhadora há dez anos entre Vila Mimosa e Copacabana.

“A Copa vai ser o fim disto aqui.”

- Catarina, 35, garota de programa e gerente de um bar na Vila Mimosa.

“O Rio não pegou bons jogos. Tem muito gringo aqui em Copacabana, mas são quase todos gringos latinos: argentinos, chilenos... Gringo pobre. Querem negociar programa de 100 reais, até 50. Querida, não vou nem daqui até a esquina por 50 reais!”

- Priscila, 35, Praça do Lido, Copacabana.

“Tem muito homem no calçadão, sim, mas eles não querem pagar programa. Querem gastar o dinheiro que têm bebendo cerveja com seus amigos e falando de futebol.”

- Diana, 19 anos, Rua Prado Júnior, Copacabana.

“Teria sido bom se houvessem mais paus duros e menos pão duro.”

- Leila, 35 anos, Rua Buenos Aires, Centro.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

O Observatório da Prostituição monitorou, durante a Copa do Mundo, 83 pontos de sexo comercial na cidade do Rio de Janeiro, nos quais trabalham aproximadamente 75% das prostitutas envolvidas com a prestação de serviços sexuais em casas, boates, termas, privês, bares, praias, massagens e pontos de rua. Nesse período, o fluxo dos clientes diminuiu em 60 dos pontos observados, a maioria deles localizada no Centro. A maior parte desses pontos fechou, por iniciativa própria, pelo menos um dia da semana durante toda a Copa do Mundo por que não haviam clientes suficientes. A Vila Mimosa -- onde existem aproximadamente 60 casas -- é uma "região moral" fechada e coesa, e por isso a área foi contabilizada como um único ponto no mapeamento realizado. Na Vila, assim como em outros pontos da cidade, várias das casas fecharam nos dias de jogo. Com base em nossas próprias contagens e nos registros dos cadernos de programa que consultamos em vários pontos, é possível afirmar que o comércio do sexo se reduziu em pelo menos 30% no Centro e na Zona Norte do Rio de Janeiro durante a Copa.

Somente seis dos 83 pontos listados mantiveram um fluxo mais ou menos estável de clientes. A maioria deles fica em Copacabana, embora uma terma no Centro também não tenha registrado declínio. Por outro lado, 17 pontos registraram maior fluxo de clientes sendo que todos eles são localizados em Copacabana. Nos 23 pontos em que se verificou estabilidade ou crescimento no fluxo de clientes durante a Copa houve um aumento de 25% no número de prostitutas. Enquanto isto, nos pontos onde o fluxo de clientes diminuiu, o número de mulheres trabalhando parece ter caído em pelo menos 30%. Embora tenha sido observada a migração de prostitutas dos outros pontos da cidade para Copacabana, a quantidade de prostitutas que frequentaram os pontos no bairro foi significativamente menor que a quantidade que normalmente trabalha no Centro e na Zona Norte (inclusive a Vila Mimosa).

Quando se considerados em conjunto os principais pontos de prostituição do Rio, nossas observações indicam ter havido uma queda de 15% no número das mulheres atuando nos setores de sexo comercial na cidade durante o período do Mundial, mesmo quando tenha havido crescimento temporário da prostituição num pequeno trecho do bairro de Copacabana.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ



Figura 4: Nas ruas desertas do Centro em dia de jogo no Maracanã, uma casa de prostituição (luz azul) mantém as portas abertas, na esperança de atrair clientes turistas.

Figura 5: O comércio fechado no Centro em dia de jogo da seleção do Brasil

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

2. A expectativa das mulheres era de muito lucro, porém, muitas garotas de programa ficaram decepcionadas.

“Eu achava que daria pra tirar uns 30.000 fácil na Copa. Acabei ganhando 10.000, pois tinha muito cliente, mas também muitíssima mulher.”

- Nayara, garota de programa de termas de luxo em Copacabana

“Teve um dia que eu levei 1.000 reais para casa, mas também teve dia que não rolou programa nenhum. Em geral, eu ganhava entre 200 e 400 em Copacabana, sendo que ganho 300 no Centro... Bom, foi bom, mas não tão bom assim.”

- Keyla, trabalhadora numa casa no Centro que acabou migrando para Copacabana durante o Mundial.

Mesmo nas termas de luxo da Zona Sul do Rio, onde o número de clientes cresceu, o faturamento das trabalhadoras sexuais não foi o esperado. Em muitas termas, se o número de clientes aumentou também ampliou-se o número de mulheres. Isso significa que na média, o total de programas por mulher permaneceu estável. Em alguns casos, os clientes estiveram em locais de prostituição para beber e socializar, mas não para fazer programas.

Na orla de Copacabana, a área próxima a FIFA Fan Fest se converteu no “marco zero” da prostituição durante a Copa. Contudo, tampouco aí, o número de programas por mulher aumentou. De fato, parece ter diminuído. O que aumentou foi o valor que algumas das trabalhadoras sexuais passaram a cobrar de “gringos”. Muitas das mulheres que migraram para Copacabana por exemplo, cobram, normalmente, 120 reais por hora/ programa, fazem programas de 15-20 minutos com 5 a 12 homens e ganham entre 100 e 300 reais por dia. Em Copacabana, essas mesmas mulheres cobraram 200-300 reais por hora, fazendo, em geral entre um e cinco programas por dia, de uma hora cada. Algumas mulheres conseguiram cobrar até mais. Ouvimos relatos que alguns europeus e norte-americanos teriam pagado entre 500 e 1.000 reais por programa.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

Todavia, o movimento de clientes em Copacabana foi maior no início da Copa do Mundo e diminuiu ao longo dos 32 dias de jogos. No início da Copa, havia homens de quase todos os países na Zona Sul. Após as quartas de final, os argentinos dominaram as pistas, praças e bares, e poucos argentinos queriam pagar 300 reais por hora. No final da Copa, assistiu-se uma queda flagrante na lucratividade do trabalho sexual em Copacabana, única região da cidade em que se registrou, de fato, incremento da prostituição em termos de pessoas envolvidas e valores cobrados

A grande decepção com a Copa parece ter ocorrido na Vila Mimosa que fica a poucos quilômetros do Estádio do Maracanã e onde havia a expectativa -- inclusive por parte das autoridades municipais -- de que o fluxo de clientes iria aumentar geometricamente após os jogos. Inclusive, a associação que controla a Vila -- Amocavim -- investiu na renovação da área, que tem estado bastante decadente em anos mais recentes. Foi feita uma limpeza geral das ruas (a responsabilidade dessa tarefa seria, de fato, da prefeitura), uma fachada falsa foi colocada na frente do prédio principal e foi instalada uma estatueta de Zé Pilantra de fibra de vidro e medindo 6 metros de altura no centro da Vila. A excitação dos donos dos bares e das prostitutas antes da Copa era palpável. Alguns comerciantes compraram centenas de caixas de cerveja para atender as supostas hordas de turistas que encheriam a Vila depois de cada jogo. Como já mencionado, porém, o comércio na Vila Mimosa caiu de 30% a 50% no mês da Copa e poucos turistas -- e quase nenhum deles estrangeiros -- chegaram à Vila. Vários dos que chegaram trouxeram mais problema do que lucro.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

3. As garotas de programa migraram de outros bairros, mas poucas vieram de fora da cidade.

“Eu devia ter ficado no Peru. Lá, eu ganhava muito mais que aqui.”

- Paolla, 29, peruana.

“A Copa foi boa para mim, mas – francamente – acho que eu poderia ter ficado em São Paulo. Teria dado no mesmo.”

- Priscila, 35, paulista.

Como observamos no [primeiro relatório postado pelo Observatório](#), a Copa alterou radicalmente o calendário de trabalho no Rio de Janeiro, por efeito dos dias feriados estabelecidos quando havia jogo na cidade ou quando seleção brasileira jogava. Consequentemente, as profissionais do sexo que trabalham nas regiões centrais e norte da cidade - predominantemente na Vila Mimosa e nas pequenas casas do Centro-- assistiram um declínio significativo no número de clientes. As mulheres que, geralmente, trabalham nessas áreas se deslocaram para a Zona Sul à procura de clientes, sobretudo para Copacabana, onde houve a maior concentração de turistas. Essa migração não aconteceu de imediato, mas quando as mulheres – depois esperar pelo aumento da clientela nos seus locais habituais de trabalho se deram conta que isso não ia acontecer.

A pesquisa identificou poucas prostitutas vindas de outras cidades do Estado do Rio (em torno de 20-25), de outros Estados (entre 10 e 12) ou de outros países (uma única). De maneira geral, as profissionais do sexo vindas de outros lugares estavam insatisfeitas. Maria, por exemplo, veio de Goiânia com o objetivo de ganhar muito dinheiro na Copa do Mundo e era a primeira vez que estava na cidade. No entanto, ficou bastante decepcionada com o resultado da empreitada: “Pensei que iria ser melhor, que faria mais programas e a um preço mais alto, mas não consegui...foi uma decepção.”

Encontramos apenas uma prostituta migrante internacional. Essa peruana viajou de forma independente, sem intermediação de terceiros e, também, ficou muito decepcionada com o resultado do investimento que tinha feito para chegar ao Rio. Disse, inclusive, que teria ganhado muito mais se tivesse ficado no Peru: “Na minha cidade, Lima, faço mais dinheiro que no Rio! Lá cobro 100 dólares por programa, não

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

tenho despesas com estadia e não tenho que pagar nada à casa. E por aqui tem muito latino aqui! Muito argentino! Eles não são bons clientes...”

Como já observado, a grande maioria das “migrantes” que circulavam em Copacabana vieram do Centro ou da Vila Mimosa. As novas condições de trabalho causaram constrangimento para essas mulheres, que estão acostumadas a trabalhar com clientes brasileiros, em lugares fechados onde contam com seguranças e a condição de anonimato. Em Copacabana, elas estavam “expostas” nas ruas, se viram forçadas a negociar programas em língua estrangeira, e a fazer sexo em locais desconhecidos, no mais das vezes sem apoio ou segurança.

Ariel, uma prostituta que trabalha na Vila Mimosa, diz que desistiu de trabalhar em Copacabana depois do fechamento da boate Help, em 2009 que levou muitas prostitutas do bairro para a área próxima à Rua Prado Júnior. Ariel preferiu ir para a Vila Mimosa por que, segundo nos disse, não queria ficar exposta nas ruas. Porém o movimento de clientes estava tão ruim na Vila Mimosa durante a Copa que ela decidiu com outras colegas a pagar um táxi para ir até a Praça do Lido em Copacabana. Trabalhou lá durante a Copa cobrando 200 reais por hora.

Entre a Vila e Copacabana, tá bem melhor em Copacabana. Parei de ir para lá [Copacabana] porque você fica muito exposta. E agora não pode mais sentar e tomar uma bebida depois que fecharam o Balcony. Agora tem que ficar em pé do lado do Balcony esperando os homens virem para você e conversar, e é mais cansativo. Não tenho paciência. Tem que ficar a noite toda esperando. Mas em Copacabana, posso cobrar melhor - 200 reais por hora. E você nem precisa ficar a hora inteira.

A maioria das mulheres que disseram estar se “dando bem” durante o Mundial eram trabalhadoras habituais de Copacabana, já acostumadas com o ritmo do sexo comercial e do turismo sexual característico do bairro. Muitas das mulheres que migraram do Centro e da Villa Mimosa não estavam habituadas às novas condições de trabalho e isso limitou seus ganhos. Várias de nossas informantes do Centro disseram ter ido somente duas ou três vezes à Zona Sul, precisamente porque não se sentiam confortáveis.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

Nossas observações também sugerem que a expectativa de “grandes lucros com a Copa” levou às ruas uma nova geração de prostitutas. São mulheres mais jovens (na faixa de 18-25 anos). São minoria frente às ‘veteranas,’ mas sempre estavam circulando pela Praça do Lido. Essas moças nos disseram ter sido mobilizadas por matérias publicadas na mídia antes dos jogos segundo as quais haveria “muita sacanagem” durante a Copa. Isso sugere que tom exagerado da mídia quanto ao grande aumento clientes de prostituição pode ter contribuído para “recrutar” mulheres para a pista. Foram poucas as mulheres dessa nova geração que conseguiram ganhar o quanto haviam esperado. Quase todas relataram que suas experiências tinham sido positivas durante a Copa do Mundo, mas apenas algumas nos disseram que iriam continuar na prostituição.

4. Aumento flagrante do contingente policial em Copacabana, um pouco mais de polícia na Vila Mimosa, mas no Centro muitas prostitutas reclamaram da “falta de segurança”.

“Tá vendo isto? [Gesticula para indicar a polícia] Isto tudo é pra gringo ver. Na hora em que todos os turistas forem pra casa, vai ‘tchau, adeus, bye-bye’ e a segurança vai voltar a ser uma merda.”

- Priscila, 35, discursando sobre a presença policial na Praça do Lido.

“Estamos aqui para proteger vocês.”

- Policial militar para pesquisadora estrangeira na Praça do Lido

Na Vila Mimosa, observamos um pequeno aumento na presença da polícia durante a Copa: um ou dois carros circularam ocasionalmente, quando em tempos normais sua presença é praticamente inexistente.

Seria bom se a cidade fosse manter a polícia após a Copa. Temos muitos problemas em todo o bairro em torno daqui [a Vila] com viciados em crack. Mas sabemos que eles vão embora após os jogos . Rachel, Vila Mimosa

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

Ariel, a já mencionada trabalhadora da Vila Mimosa, foi agredida e mordida no rosto por um cliente argentino durante a Copa. Mas não foi à polícia denunciar, porque:

Por causa da Copa, a polícia não quer arriscar que algo sério aconteça com algum gringo, pois eles terão que responder pelo caso. Os gringos, então, estão bem seguros. Então, por que ligar para a polícia [caso um cliente estrangeiro te abuse]?

No Centro do Rio, a polícia estava literalmente ausente, particularmente nos dias de jogo no Maracanã. Várias trabalhadoras sexuais dessa região nos disseram que estavam com medo de ser assaltadas por que a área estava muito vazia. Também diziam que a falta de policiamento do Centro era uma das razões pelas quais não estavam trabalhando nos dias de jogo. A falta do policiamento também foi mencionada por algumas gerentes de casas no Centro como razão pela qual os estabelecimentos estavam fechados. A exceção, como se sabe, foram os dias em que aconteceram protestos na área central da cidade, quando os espaços foram tomados pela polícia, inclusive pelo Batalhão do Choque.

Em Copacabana, porém, a presença policial foi constante e ostensiva. Em geral, durante as noites, na área da Praça do Lido e da FIFA Fan Fest, havia mais policiais do que garotas de programa. Esses policiais pertenciam a todas as corporações da segurança pública: Polícia Civil, Polícia Militar, Guarda Municipal, mas também Força Nacional de Segurança e Polícia Federal.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

ASSUNTO DE POLICIA?

Durante a Copa, a maior operação policial de coibição da prostituição foi [o fechamento do Restaurante Balcony e do Hotel Lido](#) que aconteceu no primeiro dia do megaevento.³ Essa operação policial foi justificada porque, supostamente, esses dois estabelecimentos “exploravam vulneráveis” Apesar do fechamento as mulheres e travestis que fazem do Balcony seu ponto de encontro não deixaram a área, continuaram circulando no entorno da Praça do Lido, que se transformaria no “marco zero” do sexo comercial na cidade durante os jogos.

Durante nossas observações nas ruas de Copacabana, vimos alguns policiais direcionando turistas estrangeiros para clubes e boates de prostituição. Esses clubes e boates estão entre os locais que viram seu movimento crescer. Algumas das garotas de programa, por nós entrevistadas, também comentaram que se alguns estabelecimento estavam abertos normalmente o Balcony havia sido fechado, possivelmente por que a casa não paga propina à polícia.

Também registramos uma “intervenção policial clandestina”. Perto do Lido existe um pequeno estabelecimento que aluga quartos para a prostituição, um modelo de funcionamento que foi particularmente reprimido durante as grandes operações policiais contra a prostituição na Zona Sul que ocorreram em 2012. Durante a Copa – por efeito do fechamento temporário do Hotel Lido – essa boate abriu a possibilidade de que as prostitutas ativas na orla pudessem alugar quartos no local por 70 reais por hora. Uma pesquisadora viu dois policias militares se aproximarem do bar, num horário em que estava fechado e ficarem observando a porta por alguns minutos. Depois voltaram para orla conversando. Ao passar ao lado da pesquisadora, ela ouviu o seguinte comentário: “Sim. Concorde. Dá para tirar um bom dinheiro lá”.

Na noite seguinte, cinco pesquisadoras/es voltaram à boate. Vários dos espelhos internos estavam quebrados e a porta de acesso estava danificada. O gerente do estabelecimento informou que uma garota de programa tinha quebrado os espelhos por acidente e que a porta tinha sido parcialmente destruída por um cliente que queria sair rapidamente da boate, sem pagar. As explicações não faziam

³ Ambos estabelecimentos reabriram alguns dias depois do término da Copa



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

sentido e as/os pesquisadores avaliam que o estabelecimento pode ter sofrido uma *blitz* relâmpago da polícia. Embora o local continuasse aberto e funcionando até o fim da Copa, os funcionários não quiseram conversar sobre os danos, ou quando o fizeram relataram histórias conflitantes.

Como já mencionado, a presença policial em Copacabana foi ostensiva e constante. Nas palavras de uma de nossas informantes: “Lá tinha mais policial que pombo! Tinha mais policial até que argentino!” Essa presença se intensificava quando FIFA Fan Fest terminava e se ampliou nos últimos jogos da Copa, quando a torcida argentina dominou a orla e região circundante. Houve, inclusive, vários confrontos entre a polícia e os torcedores argentinos.

É preciso dizer, porém, que os policiais não interviam na circulação e negociações das prostitutas. Embora a alegação oficial de que o aliciamento de menores em torno do Restaurante Balcony tinha sido o motivo do seu fechamento, tampouco vimos policiais solicitando a carteira de identidade dos adolescentes e crianças que frequentavam a Praça do Lido à noite. As garotas de programa também reclamavam que não podiam contar com a proteção policial, em caso de alguma emergência. Como nos disse uma delas: “A polícia só está aqui para os estrangeiros, para fazer presença, para pegar o arrego. Não está aqui para nós”.

Segundo outra garota: “A polícia vem aqui e não faz nada, fica olhando, rodando, pega seu arrego e pronto! Aqui na Praça [do Lido] fica rolando o tráfico [de drogas] bem ao lado deles. Às vezes tem até roubo e eles não fazem nada”. Várias de nossas informantes prostitutas disseram ter ouvido dizer que colegas suas estavam sendo assaltadas na orla e que o espaço estava ficando “perigoso”. As moças também comentaram que os organizadores da Copa: “Estavam preocupados em deixar o Rio bonito, mas não com a nossa segurança. Aqui está cheio de policiais para fazer figuração e deixar tudo enfeitado. Eles estão aqui fazendo a segurança pra FIFA e não pra gente!” O sentimento geral das prostitutas era de que “a polícia está lá para proteger gringo”. Isso foi, de algum modo, confirmado por um jovem policial militar na Praça do Lido quando conversando com uma pesquisadora americana loura (que ele confundiu com uma turista) disse: “estamos aqui para proteger você”.

Se houve poucos confrontos abertos entre as trabalhadoras do sexo e a polícia, segundo as mulheres, quando havia conflito entre clientes e prostitutas (um traço frequente do mercado sexual de

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

Copacabana) os policiais sempre “ficavam do lado deles, dos turistas”. Essa conduta foi percebida como uma novidade pois na orla de Copacabana, a polícia frequentemente apoia as prostitutas quando ocorrem brigas entre elas e os clientes (inclusive por que muitos policiais se aproveitam dessas oportunidades para extorquir dinheiro de clientes turistas). Algumas semanas antes da Copa, assistimos, em frente ao Balcony, um conflito típico, envolvendo três turistas americanos e uma garota de programa. Os homens acusavam a mulher de ter roubado o iPad de um deles, após um programa no dia anterior. Chamaram a polícia, insistindo para que a garota fosse levada para a delegacia. O policial se recusou e tentou apaziguar os ânimos de todos os envolvidos. O pesquisador, que atuou como intérprete no caso, conversando com um dos policiais depois do episódio ouviu a seguinte interpretação:

Eles estavam bêbados e perderam um iPad. Agora, viram a moça 24 horas mais tarde, e entra na cabeça deles que ela tinha roubado. Não fizeram B.O., não falaram com a policia de turismo, nada. E querem que eu prenda a moça só por causa de suas acusações. Tenha a santa paciência...

Em contraste, três semanas mais tarde na Vila Mimosa, uma informante relatou à equipe um caso grave de violência de que havia sido vítima. Ela viu um turista suíço bater numa garota de programa após um conflito sobre o pagamento de um programa. Várias colegas da garota agredida foram defendê-la e a situação se transformou numa briga generalizada. O suíço chamou a policia que levou todas as mulheres para a delegacia, inclusive nossa informante (que tinha visto a briga mas havia participado dela). As mulheres seriam soltas quando o turista escapou na hora de assinar o Boletim de Ocorrência (B.O.). O único caso de agressão e preconceito explícito por parte da policia que conseguimos registrar nos foi informado por uma jovem travesti que reclamou ser alvo constante de chacotas de um PM que trabalha na área onde ela faz pista. Segundo ela, ironicamente, o PM em questão se define como homossexual.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

5. Casos de violência contra prostitutas por parte de turistas estrangeiros: poucos mas significativos

“Só tem argentino aqui e eles são racistas pra cacete. Dizem que devo cobrar menos porque sou ‘negrita’. Aqui, ô!”

- Natasha, 20, Praça do Lido, Copacabana.

“Uma garota daqui [uma casa no Centro] foi a Copacabana e se fodeu direitinho. Um italiano levou ela para um motel chique e, na hora de pagar a conta do quarto, sumiu. Eles tinham consumido sei lá quantas garrafas de vinho, essas coisas... Ela teve que pagar tudo sozinha e a conta saiu mais cara que o programa.”

- Janinha, 32, trabalhadora numa boate no Centro.

Em geral, as prostitutas do Rio avaliam os clientes estrangeiros de Copacabana –particularmente os europeus, australianos e norte-americanos – como “programas finos”. Ou seja, são clientes que pagam bem, cuidam de si e tratam a prostituta com respeito. Durante a Copa, porém, houve, casos de violência contra as trabalhadoras do sexo. Uma prostituta da Vila Mimosa relatou ter sido mordida por um cliente argentino, mostrando, inclusive, os ferimentos a uma das pesquisadoras. Outras relataram constantes brigas com clientes estrangeiros, sempre relacionadas com o pagamento do programa.

A maioria destes casos parece ser fruto da má comunicação entre as prostitutas e os clientes na hora de acertar o programa. Na Vila, o preço do programa é, no mais das vezes, uma conta diferente do custo de aluguel da cabine. Um cliente, então, pode achar que pagará só 50 reais (o preço do programa), para depois se dar conta que deve 60 (mais 10 pelo aluguel da cabine). Uma vez que as prostitutas que trabalham na Vila Mimosa geralmente não falam nenhuma língua estrangeira e raramente lidam com clientes que não falam português, esses pequenos mal-entendidos podem acontecer e, acontecendo, tendem a se transformar em conflitos com alto potencial de violência.

Ariel, nos deu um exemplo de como a falta de comunicação, ou de uma língua comum potencializa os conflitos entre prostitutas e clientes:

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

Os homens chamam a polícia para tudo... Pensam que estão sendo assaltados porque não entendem [quando a casa cobra o preço do quarto]. Acham que estamos pedindo mais dinheiro. Às vezes, o preço do quarto é só 10 reais, mas isto causa confusão porque eles não entendem.

Essas situações nos dizem da relevância de projetos como o promovido Associação das Prostitutas de Minas Gerais – Aprosmig – antes da Copa, que tinha como objetivo [ensinar às prostitutas](#) (e particularmente às garotas das zonas mais pobres) um base mínima de língua inglesa. Mesmo sem garantir fluência, essas aulas ampliam as habilidades das mulheres no sentido de que possam falar e compreender algumas palavras, especialmente aquelas mais diretamente ligadas a atividade, o que pode reduzir a possibilidade de mal-entendidos e confrontos.

A mais significativa das histórias de violência que registramos foram episódios de clientes estrangeiros roubando prostitutas. Eles aconteceram, em geral, com as garotas que tinham migrado do Centro para Copacabana, que estão acostumadas a trabalhar em casas fechadas, onde podem recorrer a seguranças e a cobrança do programa é feita pela casa. Várias delas relataram que suas bolsas foram roubadas por clientes e boatos de que “as prostitutas estão sendo assaltadas em Copa” corriam soltos nas casas do Centro. Uma das garotas, como vimos acima, relatou ter sido forçada a pagar o hotel sozinha após o cliente fugir no meio de um programa.

Dito isso, durante a Copa do Mundo, as interações entre turistas e prostitutas foram geralmente cordiais. Excluídas as reclamações constantes sobre a “pechincha”, as situações acima descritas podem ser consideradas excepcionais. A grande maioria de nossas informantes disse que Copa foi tranquila embora não tenha sido tão lucrativa quanto esperavam. Mesmo os argentinos e chilenos – os “gringos latinos” – foram considerados como sendo muito cavalheiros na cama. Talita, 29 anos, que trabalha na Praça do Lido, nos disse que “meus clientes – mesmo gringos latinos -- me trataram bem melhor que minha família”.

Por outro lado assistimos cenas que sugerem que nem sempre as relações entre homens estrangeiros e mulheres brasileiras são cordiais e gentis. Por exemplo, num bar de classe média em Ipanema as mulheres são maioria entre os 12 funcionárias/os. Elas têm em média 25 anos e trabalham de uma da tarde até três horas da manhã, todos os dias e, durante a Copa, ganharam em torno de 1.600 Reais (o

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

que uma garota de programa, trabalhando na Praça do Lido, pode ganhar trabalhando entre duas e quatro noites).

Durante a Copa, esse bar lotou todos os dias, sendo tomado por um público quase totalmente masculino, estrangeiro e anglofalante. Nas duas ocasiões em que visitamos o local -- que tempos normais é também um ponto de prostituição, embora em pequena escala -- testemunhamos várias cenas de violência física e simbólica. Na primeira visita, um americano jovem jogou um balde de garrafas de cerveja nos pés das funcionárias do bar, pois tinha se aborrecido com a morosidade do serviço. Na segunda noite, vimos uma garçonete interromper uma briga usando o expediente de se atirar sobre cliente bêbado (que tinha duas vezes o tamanho dela) e aplicar nele uma gravata.

De maneira geral, o bar estava sempre à beira uma explosão, por efeito da bebedeira e agressividade da clientela. Aí era possível, de fato, identificar quase todos os comportamentos masculinos ou “machistas”, geralmente associados aos megaeventos esportivos, mas não encontramos aí nenhuma prostituta. Esse clima pesado contrastava com o que vimos na Vila Mimosa – um lugar percebido como barra pesada - onde o comportamento público dos homens era, em geral (fora uma ou outra exceção) calmo e respeitoso.



Figura 6: Turista estrangeiro bebendo em bar de Ipanema.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

6. “Gringos pão duros”: Turistas estrangeiros não queriam pagar os preços dos programas

O problema mais frequentemente relatado pelas prostitutas não foi a violência física mas sim a incapacidade ou falta de vontade dos clientes de pagar o preço estipulado para o programa. Isto aconteceu, sobretudo, em Copacabana. Ouvimos várias histórias: clientes que combinaram pagar 300 reais e, na hora, só queriam pagar 50 reais; clientes que pagaram com dinheiro falso; ou homens que se recusavam a pagar o aluguel do quarto do hotel, achando que estava incluído no preço do programa. Todos esses problemas eram agravados pelo fato de que boa parte das trabalhadoras sexuais que estavam em Copacabana não tem o hábito de trabalhar em praça pública, sem segurança e sem contar com alguém para cobrar as contas.

Mas a maior reclamação das prostitutas foi mesmo a “pechincha”. As mulheres informaram que muitos clientes estrangeiros não queriam pagar mais que 100 reais por programa (enquanto o preço de um programa normal em Copacabana varie entre 200 e 300 reais por hora). As reclamações sobre “gringos pão duros” foram constantes e diziam respeito, sobretudo, aos argentinos, chilenos e uruguaios – os chamados “gringos latinos”. Como disse Priscila, 35, uma paulista que veio trabalhar na Praça do Lido:

Eduardo Paes [o prefeito do Rio] não batalhou direito pelo Rio na Copa. Por isso, pegamos muitos jogos de países que não prestam, tipo Argentina, Chile... Esse povo está mais pobre que o brasileiro!

Várias prostitutas negras ou morenas escuras disseram ter sido alvo de agressões verbais racistas, particularmente na hora de negociar o preço do programa. Natasha (citada no início dessa seção) disse ter sido chamada de “macaquita” várias vezes por argentinos na praia: “Macaquita não pode cobrar 300 reais! Tem que cobrar 100!” Nas noites dos últimos jogos, os pesquisadores assistiram, na orla, várias agressões desse teor. O consenso das mulheres sobre os argentinos que vieram ao Rio para o jogo final pode ser ilustrado pelo que disse Priscila,: “Os argentinos são muito ruins. Não têm dinheiro, são sujos e sempre querem desconto. Reclamam do preço! Se não tem dinheiro, não venha pra Copacabana!”

Falando com os clientes, porém, pudemos explorar o outro lado da moeda. Eles reclamaram que todos os preços são altos demais no Rio – muito além de suas expectativas. E, sobretudo, que o “preço do

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

sexo” era duas ou três vezes o valor que costumam pagar em seus países de origem. Mesmo os “gringos finos” (isto é, aqueles que vieram de países considerados economicamente privilegiados) avaliaram que o preço dos programas estava muito além de suas expectativas. Curiosamente, o “choque do preço” não empurrou esses clientes para os mercados sexuais mais baratos da Vila Mimosa e do Centro (onde um programa de 15 minutos poderia custar 30 reais). A vasta maioria dos gringos com quem conversamos não conhecia esses lugares e, ao ouvirem falar deles, disseram que era “sujos e perigosos” e que não iriam visitá-los. Em geral, os turistas (de todos os tipos) ficaram restritos à Zona Sul, e poucas vezes se aventuraram para além da Lapa, a não ser para assistir a jogos no Maracanã.



Figura 7: A Praça do Lido, cheia de turistas, trabalhadoras sexuais, moradores de rua e comerciantes itinerantes, em frente ao Balcony, fechado pela polícia no primeiro dia da Copa do Mundo.

Figura 8: Alguns turistas frequentaram a Praça do Lido para ver um contexto de prostituição diferente daquele de seus países. Como disse um americano: “Aqui é louco, você vê prostitutas do lado de famílias!” Na imagem, um grupo de turistas que levou cadeiras para tomar uma cerveja e observar a Praça.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

7. Niterói: O caso mais grave de violência - antes, durante e depois da Copa do Mundo

“Roubaram 500 reais meus, dela, 900, fora as meninas que eles obrigaram a fazer oral neles lá. Tudo isso. Doze pacotes de cerveja que estavam na minha geladeira sumiu, e ainda ficaram esculhambando, falando que iam fazer churrasquinho. Fizeram programa, não pagaram, e depois falaram que a casa caiu. Safados... A gente não está roubando, só estamos dando o que é nosso. Prostituição até onde eu sei não é crime. Crime é o que eles fazem com a gente.”

- Vanessa, prostituta que trabalhava no prédio da Caixa em Niterói

“Não mostraram papel, não mostraram nada. Mandaram todo mundo tirar a roupa para poder examinar, mandaram ficar baixando três vezes. Reviraram tudo, tiraram tudo... Uma policial ficou enfiando a mão em todo o mundo com a mesma luva...E detalhe, o dinheiro que estava lá sumiu. Pediram mil reais para a gente não ser incomodada, para poder ficar lá embaixo trancada [até o final da batida]”

- Carola, prostituta que trabalhava no prédio da Caixa em Niterói.

“[A polícia] não tinha motivo legal, mas talvez na cabeça deles um motivo moral.”

- Clara Prazeres, Defensora Pública na Audiência Pública sobre Niterói no dia 4/6/2014.

“Tenho me sentido muito humilhada todas as vezes que chego em um local com a esperança de sair com ajuda e as pessoas respondem que nunca trabalharam com prostitutas, como se por isso eu fosse pior que outro cidadão, e assim, desincentivaram meu ativismo, porém, sempre respondo: “Mesmo com todas as barreiras, não vou desistir”.

- Isabel, prostituta que foi estuprada no dia 23/5, fez a denúncia e depois sofreu ameaças

No dia 23 de maio de 2014, centenas de policiais civis invadiram um prédio no Centro de Niterói (conhecido como prédio da Caixa) onde aproximadamente 400 mulheres trabalhavam como prostitutas. Durante a operação os policiais cometeram extorsões, furtos, roubos e estupros, e mais de 100 mulheres foram detidas para averiguação. Todos os apartamentos (mais de 90) onde elas trabalhavam foram interditados e classificados como locais de crime, embora não houvesse autorização judicial para tais atos. Tentativas de registrar queixas na Delegacia da Mulher (DEAM) no dia foram negadas, assim como o direito da maioria das mulheres de contar com a presença de advogados da Ordem dos

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

Advogados do Brasil (OAB) durante seus depoimentos na delegacia. No dia 4 de junho, na audiência pública convocada pela Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, os roubos, extorsões e estupros foram denunciados, e a ilegalidade de todas as ações da polícia no dia 23 foi constatada pela Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro e pela Ordem dos Advogados do Brasil.

Depois da audiência pública, “Isabel”, uma das prostitutas que denunciou publicamente a violência da polícia, notou que estava sendo seguida e fotografada por pessoas que pareciam ser policiais. No dia 21 de junho, ela foi sequestrada por quatro homens em uma praça próxima ao prédio onde mora e trabalha. Os homens mostraram a ela uma foto de seu filho saindo da escola e disseram para ela parar com as denúncias, sob a ameaça de risco de vida para ela e seu filho. Um dos homens fez cortes a faca em seu pescoço e braço e aí ela foi deixada de volta na rua. Isabel foi uma vez mais à delegacia, para denunciar a violência sofrida. Mas a polícia não levou seu caso a sério, registrando um “termo circunstanciado” em vez de “boletim de ocorrência”, o que significa que nenhum inquérito foi aberto para investigar o que tinha acontecido.

Dias depois, ela deixaria sua casa em Niterói somente com as roupas do corpo, sem ter um lugar seguro para ficar, foi abrigada por uma rede de casas de ativistas, com apoio exclusivo de doações pessoais, enquanto começava uma longa jornada por órgãos do governo, estaduais e federais, em busca de apoio e segurança. Ela estava (e continua) decidida a levar adiante o ativismo e denunciar as violações de direitos da polícia e continuar a luta por justiça para ela e suas colegas. Acompanhando o caso de perto, registramos que não existe uma única rede de apoio e proteção institucional para prostitutas que sofrem e denunciam violência – sobretudo, quando se trata de violência policial. As opções oferecidas pelo aparato estatal são insuficientes ou inacessíveis. As alternativas existentes impõe condicionalidades que seja silenciariam Isabel, seja fazem dela uma vítima da prostituição, mas não da violência institucional de que ela de fato foi objeto.

O ‘caso de Niterói’ não foi diretamente causado pela Copa do Mundo. Mas está vinculado a processos que, de algum modo, foram potencializados pela Copa: de um lado, a especulação imobiliária em curso no Rio e também Niterói e, de outro, a intensificação e militarização das operações policiais no país e especialmente no Rio. O valor dos imóveis aumentou consideravelmente nos últimos 5 anos, em função

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

dos projetos de renovação urbana desenvolvidos pelas prefeituras das duas cidades em nome dos preparativos para os jogos. As prostitutas – junto com os pequenos comerciantes tradicionais e o comércio irregular que, outrora, ocupavam os centros – estão sendo cada vez mais pressionadas a sair desses espaços, que vão sendo gradativamente higienizados e *gentrificadas*. Essa tendência se aplica ao prédio da Caixa em Niterói, a operação policial aconteceu pois não havia meios legais civis para expulsar as 400 mulheres, já que elas alugavam os apartamentos.

A lógica crescentemente militarizada das forças de segurança pública brasileiras faz com que setores policiais percebam as pessoas como criminosas ou transgressoras em potencial e não, principalmente, como portadoras de direitos. Essa é uma distorção estrutural da cultura policial brasileira que afeta o conjunto da população, mas que tem efeitos particularmente nefastos no universo da prostituição. Embora prostituir-se não seja crime, todo o entorno do trabalho sexual é criminalizado e, de maneira geral, trabalhadoras do sexo, são consideradas cidadãs de segunda categoria pela sociedade e também pela polícia.

Organizações não-governamentais parceiras do Observatório da Prostituição, como Davida e ABIA, em parceria com organizações nacionais como Justiça Global, e internacionais como Anistia Internacional e a Frontline Defenders, têm se posicionado publicamente contra a invasão ilegal do edifício, apelando por uma investigação imparcial sobre as ações da polícia no dia 23/5, assim como no que se refere ao sequestro de Isabel e as ameaças que elas sofrendo. Consideramos inadmissível que, quase três meses depois da invasão, todas essas situações continuem sem resolução. Enquanto buscamos justiça, organizamos uma campanha para levantar recursos de emergência para “Isabel” e sua família. Para ter mais informações clique no link abaixo:

<http://www10.vakinha.com.br/VaquinhaE.aspx?e=274749>

<https://www.indiegogo.com/projects/support-sex-worker-activist-isabel-fight-violence>

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ



Figura 9: Portas quebradas pela polícia no dia da invasão. Prostitutas disseram que, em alguns casos, a polícia pediu para elas fecharem as portas, que foram em seguida derrubadas por eles.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

8. Exploração sexual de crianças ou adolescentes: Aonde?

“Pelamordedeus, por que é que todo mundo acha que sou menor?”

- Gisele, 18 anos, na Praça do Lido, passando sua identidade para um pesquisador para demonstrar sua verdadeira idade.

Durante a Copa, nos espaços de prostituição da cidade do Rio de Janeiro, vimos poucas pessoas que pareciam ser adolescentes. Nas áreas onde a prostituição acontece em lugares fechados e gerenciados – Via Mimososa, as casas e boates do Centro, as termas e boates da Zona Sul – não identificamos ninguém que aparentava ter menos de 18 anos, até mesmo por que nesses locais as mulheres são obrigadas a apresentar suas identidades. No Centro, os gerentes das casas até mantêm fotocópias das identidades de todas as mulheres que nelas trabalham e sempre nos mostravam esses registros. Vale dizer ainda que os preços de programas nesses locais fechados são padronizados: a casa não ganha um só centavo a mais quando uma menor se prostituí aí. Várias prostitutas, diversos gerentes, barmen e seguranças das casas do Centro e da VM enfatizaram esse aspecto nas conversas:

Não sei por que a mídia mente tanto sobre esse assunto. Veja só : ninguém emprega menores conscientemente. Por que empregaria? Só colocam a casa em risco! Se a polícia entra e tem menor, minimamente, o gerente ou o dono vai ter que pagar uma propina das grandes para continuar aberto. Mais provavelmente, vai todo mundo preso: garotas, clientes.... todos. O risco não compensa o pouco dinheiro que a casa poderia ganhar. E temos muito mais trabalhadoras do que o necessário hoje. Ninguém precisa sair recrutando crianças. (Dona de casa no Centro da cidade)

O problema é que você tem menina – essas de 16 e 17 anos – que querem trabalhar e que vão arranjar identidade falsa para poder enganar a casa. Olho cuidadosamente todas as identidades das meninas que trabalham aqui e xeroco tudo. Mas nem todo mundo é tão cuidadoso assim. E aí, de vez em quando, a polícia entra num puteiro e encontra menor. (idem)

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

Na orla de Copacabana, o Balcony fazia um controle semelhante, especialmente em momentos de grande movimento, como o Carnaval e o Ano Novo. Eram montadas barreiras na calçada e as mais jovens somente só podiam acessar a área interna depois de apresentar o RG. O Mabs, outro bar da orla frequentado por prostitutas e clientes durante a Copa, adotou o mesmo sistema. Entretanto, o fechamento do Balcony, no primeiro dia do Mundial, impediria o controle de idade na área, mesmo quando prostitutas expulsas do bar tenham ocupado a Praça Lido, ao lado de moradores de rua, comerciantes itinerantes, moradores do bairro, mas também as crianças e adolescentes que estavam na praça com essas pessoas ou sozinhas.

Contudo, mesmo na praça não identificamos um número significativo mulheres que poderiam ser menores de idade, oferecendo serviços sexuais. Nas madrugadas havia em média entre 100 e 200 mulheres circulando na Praça do Lido e entre elas no máximo 5 ou 6 *podiam* ter entre 15-17 anos. Muitas dessas meninas já frequentavam o lugar antes, tendo sido sua presença registrada pelas pesquisadoras/es bem antes do início da Copa. Nada sugere que nesse local especificamente, -- onde, de fato, se intensificou o comércio sexual durante o Mundial -- tenha havido um crescimento do número de mulheres menores de 18 anos.

Obviamente é preciso sublinhar que nossos números provém da observação visual e etnográfica e não de um inquérito sistemático, o que é uma limitação. Além disso todas as mulheres que estavam na praça faziam o possível e impossível para parecerem maiores de idade. Por outro lado, até onde sabemos nenhum outro grupo de pesquisa sobre a prostituição de menores no Rio de Janeiro desenvolveu uma metodologia mais aprimorada e efetiva de contagem.

Dito isso, nossas conversas com as prostitutas que pareciam mais jovens tampouco confirmam a hipótese de que muitas prostitutas menores estivessem circulando pelo local. Em vários casos, ao adquirir mais confiança após uma conversa, essas mulheres mais jovens mostraram suas identidades as/aos os pesquisadoras/es. Já no caso da travestis, também muito ativas na Praça, é mais seguro afirmar que havia um grupo de 5 ou 6 pessoas com menos de 18 anos. Embora a frequência do local foses muito heterogênea em termos de idades, só vimos a polícia checar carteiras de identidades em uma única ocasião. Os dois fatos mais significativos a serem ressaltados no que diz respeito ao temas das/dos menores de 18 anos são:

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

1) Como já mencionado, o Restaurante Balcony e o Hotel Lido foram fechados para coibir a “exploração de vulneráveis”. Contudo, durante a Copa, até onde pudemos verificar, a polícia carioca não prendeu ninguém por exploração sexual de crianças e adolescentes.

2) O Conselho Tutelar da Zona Sul do Rio de Janeiro manteve um posto avançado na orla, 200 metros distante da Praça do Lido. Os funcionários desse posto são capacitados no combate à exploração sexual de crianças e adolescentes e, com base nos pôsteres, banners e filipetas distribuídos por eles, esse era o foco principal de sua atuação. No entanto, no período da Copa, eles não registraram nenhuma denúncia de exploração sexual de crianças e adolescentes em Copacabana. Receberam duas denúncias de outro bairros do Rio de Janeiro, nenhuma das quais estariam relacionadas com o contexto do Mundial. É importante, no entanto, dizer que testemunhamos várias situações potenciais de exploração de crianças e adolescentes, assim como contextos de maior risco e vulnerabilidade causados ou potencializados pela Copa. Na maioria dos casos, essas situações dizem respeito ao trabalho infantil *lato sensu*, ou seja em atividades não vinculadas ao comércio do sexo.

Na Vila Mimosa, por exemplo, uma pequena legião de meninos estava empregada na entrega e porte de cargas, no comércio de rua e até mesmo no gerenciamento dos bares e estandes de comida. No Centro, menores – geralmente meninos – eram presença constante no comércio das ruas e também nos trabalhos de reciclagem de papel e latas de alumínio. Finalmente, em todos os lugares – mais particularmente em Copacabana – crianças e adolescentes atuavam na venda de comidas, bebidas e lembrancinhas para turistas. O Posto Avançado do Conselho Tutelar registrou pelo menos um caso de um menino apreendido por vender chaveiros falsos da FIFA na Fan Fest. O Posto também registrou inúmeros casos de crianças e adolescentes bêbados e/ou perdidos.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ



Figura 10: Garotas de programa trabalhando ao lado de uma família de moradores de rua, próximo do fechado Balcony, Praça do Lido, Copacabana, 4/7/2014.



Figura 11: Menina trabalha como estátua viva: meia-noite, Praça do Lido.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

9. A mistura de interesses sexuais, afetivos, sociais e econômicos da vida noturna carioca torna difícil definir com precisão a “exploração sexual”.

Durante a Copa do Mundo 2014, no Rio, assistimos muitas interações entre estrangeiros adultos e brasileiras que aparentavam ter entre 16 e 17 anos. Essas interações eram particularmente comuns e visíveis no bairro boêmio de Lapa, onde milhares de jovens do mundo inteiro se reuniam, todas as noites. Também observamos duas meninas, aparentemente menores de 16-17 anos fazendo jogos de sedução com dois turistas colombianos perto da FIFA Fan Fest, sem que entretanto fosse possível afirmar que estaria fazendo prostituição. Essa situação que nos diz dos limites desse tipo de observação para decifrar essa modalidade de transação afetivo –sexual merece ser descrita com mais detalhes.

Quatro pesquisadoras/es estavam sentados num bar na Rua Prado Júnior, em Copacabana, “uma região moral” que é associada com a prostituição desde a década de 1950. As duas jovens chegaram acompanhadas dos colombianos e sentaram na mesa ao lado. As/os pesquisadoras/es entabularam uma conversa com as duas jovens e as ajudaram a resolver problemas dos seus celulares. Elas nos disseram, peremptoriamente, que não eram garotas de programa, mas sim que moravam num subúrbio carioca e que estavam na Fan Fest para se divertir, tendo encontrado os dois jovens colombianos (que tinham mais ou menos 25 anos) nas areias de Copacabana. Não disseram que idade tinham, apesar das várias tentativas dos pesquisadores de conseguir essas informações (geralmente consideramos isso indicação de que a interlocutora é, possivelmente, menor de idade). Os rapazes colombianos tinham o aplicativo Tindr em seus smartphones o aplicativo Tindr, criado especificamente buscar parceiros amorosos. O celular de um deles tinha mais de 20 conexões com jovens brasileiras, todas aparentando 25 anos de idade ou menos.

Após uma hora de beijos e abraços com os colombianos, intercalados por conversas com duas pesquisadoras, os casais se levantaram da mesa e se prepararam para ir embora. Neste momento, uma das moças chamou seu parceiro de lado. Com uma expressão de extrema sinceridade enquanto falava (olhos bem abertos, sorriso, braços abertos e mãos gesticulando, cabeça caindo por cima do ombro direito), fez um pedido. Não conseguimos ouvir o conteúdo da fala, mas, logo em seguida, o colombiano puxou a carteira, contou seu dinheiro e, cautelosamente, balançou sua cabeça em sinal afirmativo. A menina riu feliz, e jogando seus braços em torno do pescoço de seu pretendente, beijou-o

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

apaixonadamente. Após mais dois ou três minutos de beijos e abraços, o casal saiu, braços dados, em direção a um ponto de táxi.

Namoro sincero ou exploração sexual? A longa experiência de algumas e alguns das/dos pesquisadoras/es na vida noturna do Rio de Janeiro sugere o que assistimos não era nem uma coisa, nem a outra. Provavelmente era uma jovem buscando aventuras amorosas entre os estrangeiros de Copacabana para se divertir, para pagar sua noitada e também, quem sabe, para ganhar um dinheirinho extra. Se a conversa fosse como incontáveis outras que temos escutado em outros momentos, fora da Copa do Mundo, a menina estava dizendo que ela concordaria em ir para um motel com o rapaz, mas que ela precisaria de certa quantia de dinheiro para “pagar um táxi pra casa depois, para minha mãe não se preocupar comigo, pois não posso ficar na rua a noite inteira”. A quantidade pedida seria provavelmente menos que 100 reais e a menina provavelmente tomaria o ônibus ou o trem de volta para casa. Nenhum dos dois membros do casal qualificaria a interação como “prostituição”, e a jovem dava todos os sinais de que estava “sinceramente” interessada no colombiano enquanto parceiro sexual/afetivo. No máximo essa relação ou contrato poderia ser denominada como sendo de sexo transacional.

Essa combinação ou mistura de motivações sexuais, afetivas, sociais e econômicas é a regra nos espaços cariocas de vida noturna em que estrangeiros interagem com brasileiras. Uma determinada interação ou relação pode ser interpretada como “exploração sexual de uma de menor” ou como “experiência saudável e normal de uma adolescente explorando sua sexualidade”, a depender dos marcadores de cor/raça, gênero, classe e nacionalidade de todos os envolvidos na paquera.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ



Figura 12: Foto que ilustra bem as dificuldades inerentes às tentativas de adivinhar a idade e situação de mulheres através do olhar, sem nenhuma outra informação. A moça na mesa, conversando com um turista estrangeiro, tem, de fato, 20 anos de idade e afirma não ser trabalhadora sexual, mas foi apontada por vários interlocutores nossos como “prostituta adolescente”.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

10. O pânico da exploração sexual se sobrepôs à prevenção de DST/HIV/Aids em contextos de prostituição.

Várias organizações não-governamentais brasileiras obtiveram recursos para combater a exploração sexual de adolescentes e crianças e o tráfico de pessoas durante a Copa do Mundo. Contudo sua presença delas nas áreas de prostituição de Rio de Janeiro durante os jogos foi muito escassa, para não dizer praticamente inexistente. Fora dos contextos de prostituição, registramos apenas a distribuição de panfletos contra a exploração sexual feita pela ONG Promundo nas proximidades do Estádio do Maracanã num dia de jogo.

No centro da cidade a ausência dessas organizações foi absoluta. Mas, a uma quadra da Vila Mimosa, a Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH), em parceria com a ONG internacional STOP THE TRAFFIK, UN.GIFT e em colaboração com a Amocavim, instalou uma “Gift Box”. Trata-se de uma caixa a grande que parece uma embalagem de presente em cujo interior há relatos e fotos ilustrando as histórias de pessoas que foram enganadas e traficadas para diversos fins, incluindo a exploração sexual. Uma equipe de voluntários circulou na Vila convidando pessoas a entrarem na caixa, mas nos dias em que nossa equipe esteve presente, houve pouca procura e caixa ficou vazia a maior parte do tempo.

Em Copacabana, no dia 6 de julho, um grupo de ativistas do coletivo “Bastardxs” fez um [protesto contra o turismo sexual](#) no Brasil e a suposta passividade da FIFA em relação ao tema em Copacabana. O Conselho Tutelar da Zona Sul do Rio de Janeiro instalou um trailer, coberto de pôsteres do Disque 100 com informações sobre como denunciar acusações de violência sexual contra crianças e adolescentes (o trailer só funcionava até as 20h, enquanto o pico do comércio sexual em Copacabana acontecia sempre após as 22h).⁴ Significativamente, porém, os próprios membros do Conselho Tutelar com quem conversamos criticaram o funcionamento do sistema Disque 100:

⁴ Disque 100 é a linha direta utilizada no Brasil para denunciar casos de violações de direitos e seu número constava em todos os cartazes, filipetas e camisetas utilizadas pelas ONGs e organizações do governo para combater a exploração sexual durante a Copa (o número também constava nas filipetas que nossos pesquisadores distribuíram para prostitutas e clientes).



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

O problema é que o Disque 100 não é uma defesa e sim um método de denúncia. O abuso ou a exploração sexual de crianças é, de fato, crime. Constatando caso desses, o cidadão deve ligar para a polícia, e não para o Disque 100. O Disque 100 só repassa casos para nós e outras organizações envolvidas na proteção dos direitos. Mas isto acontece algum tempo após a violação. Disque 100 não pode resolver problemas de violação de direitos enquanto estão acontecendo. Isto é a tarefa da polícia.

Em que pese suas limitações a “linha de defesa” prioritária implementada pelo estado brasileiro durante a Copa contra a exploração sexual de crianças e adolescentes foi, de fato, o Disque 100. As organizações, sejam estatal ou não governamentais envolvidas nessas campanhas não estabeleceram contatos com as pessoas diretamente envolvidas no trabalho sexual que, como vimos, tem interesse em coibir a presença de menores nos espaços de prostituição e que são potencialmente aliadas nesses esforços educativos e de prevenção. Sobretudo, não é excessivo afirmar que – por efeito das campanhas feitas desde antes da Copa - no senso comum e até mesmo na percepção de agentes estatais “exploração sexual” queria dizer “a exploração sexual de crianças e adolescentes por parte de turistas estrangeiros”.

Esse foco quase exclusivo na exploração sexual das crianças e adolescentes terminou por ocultar ou soterrar outras dimensões da vida social e sexual durante a Copa que também deveriam ter sido objeto de atenção do estado. Um deles seria, por exemplo, uma maior ênfase na defesa e proteção dos direitos humanos de todas as pessoas, inclusive profissionais do sexo. Vale dizer que vários atores e estatais e da sociedade civil quando perguntados sobre a franca violação de direitos que aconteceu em Niterói -- ou mesmo quanto a iniciativas de promoção de direitos nas zonas de sexo comercial, responderam que suas ações estavam apenas focadas no enfretamento da exploração sexual e dos direitos de crianças e adolescentes.

Outra “vítima” flagrante do foco excessivo na “exploração sexual de crianças e adolescentes” foi, sem dúvida, o campo da prevenção de DST/HIV/Aids. Em muitos locais fechados que visitamos as

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

camisinhas disponíveis eram aquelas distribuídas pelo Ministério da Saúde. Contudo, assim era não por que a Secretária Municipal de Saúde tivesse feito algum esforço adicional de assegurar o acesso a um maior número de preservativos durante a Copa, mas sim por que as/os próprias/os gerentes das casas foram busca-las em postos de saúde e por outros meios. Não vimos profissionais de saúde distribuindo preservativos ou informação sobre DST/HIV/AIDS em lugar nenhum, sejam casas, bares, locais de massagem, privês, boates, clubes ou pontos de rua.

Nossas observações e informantes registraram distribuição de preservativos em três ocasiões. No primeiro dia da Copa, um grupo não identificado distribuiu camisinha na Central do Brasil. Na Praça do Lido, algumas profissionais do sexo mencionaram que um grupo evangélico na primeira semana da Copa, havia distribuído camisinhas e maquiagem, ao mesmo tempo em que as convocava mulheres para cultos religiosos. E, também, nos primeiros jogos da Copa, a equipe de uma ONG que atua no campo da AIDS distribuiu camisinhas na fila da FIFA Fan Fest. Por outro lado – e bastante problemático ao nosso ver – a equipe de pesquisa esteve nos postos móveis instalados na FanFest, e verificou que não havia camisinhas disponíveis.

Várias trabalhadoras do sexo – e particularmente as mais velhas, que guardam a memória das ações sistemáticas realizadas no passado pelo Ministério da Saúde em eventos de grande porte, criticavam abertamente o abandono de medidas voltadas para a promoção da saúde sexual durante a Copa do Mundo de 2014.

É um absurdo. A mídia e o governo falavam tanto da prostituição antes do evento, Estava em todo jornal! Ah, os gringos estão chegando! Ah, o turismo sexual! Ah, vai ser uma orgia e tanto!” Todo aquele blá-blá-blá sobre a putaria... E nada – absolutamente nada – de preservativos. Ninguém distribuindo camisinhas. Nada! Temos que ir, nós mesmo, para os postos conseguir. OK, tudo bem, legal se você tiver tempo. E para as mulheres que não têm? E para as ignorantes que estão começando agora e nem sabem onde ficam os postos, muito menos como colocar camisinha direito? Puta também paga impostos e a gente quer fazer nossa parte, mas parece que o Ministério da Saúde esqueceu da gente” (Lana, prostituta que trabalha numa casa no Centro)

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

A percepção de Lana ecoa o que disseram muitas outras trabalhadoras de sexo, em outros pontos da cidade. Seus depoimentos informam que os direitos das pessoas, especialmente, de profissionais do sexo, em termos de acesso de informação e meios de promoção da saúde sexual foram desrespeitados.



Figura 13: Posto avançado do Conselho Tutelar em Copacabana, com cartazes pregando a denúncia da exploração sexual de crianças e adolescentes. O Balcony Bar e a Praça do Lido ficam um pouco além das palmeiras, na margem direita da foto.



Figura 14: Camiseta de funcionário do Posto Avançado. Nenhum caso de exploração sexual de crianças ou adolescentes, relacionado à Copa do Mundo, foi denunciado ao Conselho Tutelar.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

11. Efeitos da Copa em contextos de prostituição em Fortaleza e Recife

O cenário observado em Fortaleza apresenta vários pontos em comum com o que relatamos no caso do Rio de Janeiro. Aí também ocorreu uma forte ação repressiva no período: uma operação em oito casas de prostituição de luxo, que levou a prisão de proprietários/as e gerentes e ao fechamento de algumas delas (ver: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/mpe-fecha-8-prostibulos-e-prende-10-pessoas-1.1030146>. Acesso em: 11/8/2014).

Também houve migração das mulheres que trabalhavam em outros pontos da cidade para Praia de Iracema. No entanto, essas profissionais do sexo experimentaram dificuldades por “razões estéticas” e por que não tinham experiência com clientes de estrangeiros. Em Iracema, apesar da forte presença de gringos, as mulheres também reclamavam que os turistas não queriam pagar o preço cheio do programa/hora (entre 200 e 300 reais na Copa; entre 120-150 antes da Copa) ou queriam companhia pela noite toda, porém pagando apenas pela primeira hora. Como nas avenidas Beira-mar e Abolição, os policiais ocuparam os pontos tradicionais das garotas de programa, elas migraram para ruas menos movimentadas ou se misturaram a torcedores/as no calçadão da orla, onde também mulheres que embora não sejam participantes do “mercados do sexo” também estavam em busca de “encontros rentáveis” com gringos. Nessa região, onde se localizava a FIFA Fan Fest, também contou com forte presença de agentes do estado e de ONGs atuando em campanhas contra a exploração sexual de crianças e adolescentes.

O centro da cidade também ficou esvaziado em razão dos muitos feriados. Os clientes habituais diminuíram nos pontos de prostituição e os turistas nunca chegaram a essa área. As mulheres da “zona central”, contudo, não migraram para a praia, pois anteciparam que poderiam ter dificuldades em se inserir no mercado sexual da orla. Portanto, tiveram perdas sensíveis nos seus ganhos nos meses de junho e julho. A prostituição “pobre” que desde sempre existiu no entorno do Estádio Castelão também foi muito afetada, nesse caso pela hipervisibilidade. Desde antes da Copa muitas equipes de jornalistas e documentaristas estiveram na área filmar, fotografar e registrar evidências de turismo sexual, exploração sexual de crianças e adolescentes, tráfico de seres humanos e aumento da prostituição.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

Num balanço impressionista, é possível estimar que a prostituição diminuiu em todas as áreas da cidade, exceto na Praia de Iracema e na Beira-mar, onde aumentou tanto a presença de turistas quanto de profissionais do sexo sem que isso se refletisse, contudo, no incremento do número de programas.

Também no Recife a expectativa acerca de uma grande quantidade de turistas sexuais não foi cumprida. Ouvimos de profissionais do sexo que: “não foi tão bom quanto pensávamos” e que “teve turista, foi bom pro comércio local, não pro negócio do sexo”. Assim como no Rio de Janeiro e em Fortaleza, o Centro ficou vazio e o movimento de turistas se concentrou nas praias da Zona Sul. Segundo mulher que trabalha no centro da cidade: “a Copa nem passou por aqui”.

A ênfase na exploração sexual de crianças e adolescentes também foi a tônica dos discursos e ações governamentais. A Copa foi usada por autoridades como uma oportunidade de dar visibilidade ao trabalho das instituições nesse campo, como nos disse uma delas: “Sempre se queria fazer uma coisa dessas, mas agora apareceu a oportunidade!”. Assim como no Rio de Janeiro, essas ações arrastaram mais água para os moinhos do pânico moral frente à prostituição e das ideologias de “humanização e higienização da cidade”.

Antes da Copa em Camaragibe, onde se localiza o novo estádio, vários bares onde eram usados quartos para programas na Avenida Belmino Correia foram fechados. Mas, excetuando-se essa medida higienizadora não houve outros relatos de repressão policial e, até onde sabemos, nenhuma casa de prostituição foi fechada durante a Copa.

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

Nota conceitual sobre as terminologias utilizadas: exploração sexual de crianças e adolescentes, tráfico de pessoas para fins de exploração sexual, turismo sexual e prostituição

Os pesquisadores associados ao Observatório da Prostituição são contra a exploração sexual de crianças e adolescentes e o tráfico de pessoas para fins de exploração sexual. Exatamente por essa razão consideramos importante explicitar nossas definições em relação a essas nomenclaturas. Entendemos que a exploração sexual de crianças e adolescentes não deve ser confundida ou equalizada com as atividades realizadas por pessoas adultas que exercem livre e consensualmente a prostituição ou que pagam por serviços sexuais, sejam elas brasileiras ou estrangeiras. O sexo pago entre adultos não é ilegal no Brasil.

Da mesma forma o tráfico de pessoas pra fins de exploração sexual sempre implica coerção e não deve ser tomado como sinônimo de deslocamentos espaciais ou migratórios de pessoas adultas, mesmo quando elas trabalham nos mercados do sexo. Além disso consideramos que tráfico de pessoas para fins de exploração sexual e turismo sexual são coisas muito distintas. As Nações Unidas e a Organização Internacional de Turismo definem o turismo sexual como sendo realizado por “pessoas que usam a infraestrutura turística de viajar para terras estrangeiras e se envolver em sexo comercial com os moradores locais”. Assim como a venda de serviços sexuais por pessoas adultas, o turismo sexual no Brasil tampouco é ilegal no Brasil.

A compra de serviços sexuais oferecidos por pessoas com idade inferior a 18 anos não deve tampouco ser confundida com é turismo sexual. A exploração sexual de crianças e adolescentes é crime no Brasil, sejam os perpetradores brasileiros ou estrangeiros. Da mesma forma, coagir alguém ao sexo não é turismo sexual, nem prostituição: é estupro ou violação da dignidade sexual segundo a reforma parcial do Código Penal Brasileiro, de 2009.

O governo brasileiro não dispõe de estatísticas consistentes sobre o número de casos exploração sexual envolvendo visitantes estrangeiros. Os dados compilados pelo Disque 100 indicam que o número desses casos é relativamente pequeno. Em um relatório publicado pela Secretaria de Direitos Humanos, em 2008, dos 6.817 casos de exploração sexual de crianças ou adolescente reportados ao Disque 100, entre 2003 e 2007, apenas 47 envolviam “turismo sexual” (ou seja, denunciavam turistas estrangeiros

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

OBSERVATÓRIO DA PROSTITUIÇÃO

LeMetro/IFCS-UFRJ

envolvidos). Considerando que o Disque 100 registrou 67.104 casos de violência contra crianças e adolescentes brasileiros, durante o mesmo período (dos quais cerca de 16.500 eram casos de violência sexual), a evidência disponível indica que são brasileiros os que conduzem a grande maioria dos atos sexualmente agressivos contra crianças brasileiras.

A investigação conduzida pela CPI mista sobre exploração sexual de crianças de 2003-2004 (favor verificar essa data). Identificou 79 casos “exemplares”, dos quais apenas três envolviam turistas estrangeiros. Em contraste 14 casos havia sido perpetrados por funcionários governamentais (do nível municipal ao nível federal); 8 casos envolviam policiais, juízes ou outros agentes de aplicação da lei; e 5 casos tinham como autores líderes religiosos.

Para ler mais sobre tráfico de seres humanos e exploração sexual em megaeventos:

Recomendação Comitê Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas (CONATRAP) 01/2014. Documento de Trabalho/Recomendações às instituições que pretendem realizar ações relacionadas à Copa do Mundo. GT CONATRAP. <http://pt.slideshare.net/justicagovbr/resolucao-conatrap-trfco-de-pessoas-grandes-eventos>

Qual é o preço de um boato? Um guia para classificar os mitos e os fatos sobre a relação entre eventos esportivos e tráfico. Global Alliance Against Trafficking in Women (GAATW) 2011. Traduzido pela Davida para o português em 2013. <http://www.sxpolitics.org/pt/?p=3958>

Exploitation and Trafficking of Women: Critiquing Narratives During the London Olympics 2012 (Exploração e o Tráfico de Mulheres: Criticando Narrativas durante as Olimpíadas de Londres 2012). Kate Cooper e Sue Brandford, Central America Women’s Network. <http://www.cawn.org/assets/Exploitation%20and%20Trafficking%20of%20Women.pdf>

Child Exploitation and the FIFA World Cup: A review of risks and protective interventions. (Exploração de Crianças e a Copa Mundial da FIFA: Uma revisão dos riscos e intervenções de proteção.) Bruno Center for Sport, Health and Wellbeing. 2013. http://www.brunel.ac.uk/_data/assets/pdf_file/0008/316745/Child-Protection-and-the-FIFA-World-Cup-FINAL.pdf

www.observatoriodaprostituicao.wordpress.com
LeMetro-Laboratório de Etnografia Metropolitana
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Largo de São Francisco de Paula, nº 01, Sala 417, Centro,
Rio de Janeiro, Cep: 20.051-071 - RJ
Brasil
(00-55-21) 2221-7539
(00-55-21) 2622-3856
Email: observatoriodaprostituicao@gmail.com